

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

SOPHIA DA ROSA CARVALHO

O BULLYING SOB A ÓTICA DA TEORIA FREUDIANA DA CULTURA

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Georgette da Silva". The signature is written in a cursive, flowing style with some loops and flourishes.

SÃO CARLOS - SP

2021

SOPHIA DA ROSA CARVALHO

O BULLYING SOB A ÓTICA DA TEORIA FREUDIANA DA CULTURA

Monografia realizada como trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Profa. Dra. Georgina F. Maniakas.

São Carlos - SP

2021

## RESUMO

O bullying é um fenômeno atual inserido principalmente na esfera da violência escolar, marcado por uma agressão repetida e sem motivação evidente na forma de violências física, psicológica, moral ou patrimonial. Vários são os atores dentro da dinâmica do bullying, entre eles agressores, vítimas e espectadores da violência. Essas figuras foram analisadas à luz da teoria freudiana de massa psicológica, em que os membros ligam-se por mecanismos de identificação entre o conjunto massa-líder. A massa exposta de maneira instável, violenta e grandemente sugestível pode buscar sua formação a partir da especificação de um fator em comum que ligue os membros ao líder e nesse sentido supõe-se como alvo a vítima do bullying. Quanto à vítima, o que se especula é uma característica melancólica que a torna suscetível ao papel de vitimização. O atual trabalho de base qualitativa teve como objetivos, expor o fenômeno do bullying - com base em 10 artigos sobre o tema, publicados em plataformas de notícias online, no período de junho a dezembro de 2019 e relacioná-lo à teoria freudiana da cultura, além de verificar a possibilidade de estabelecer uma relação entre a dinâmica do bullying e a formação psicológica da massa. Para isso, foram coletados conteúdos em 4 plataformas online de notícia, com a palavra-chave “bullying” e seguindo os critérios: a) o bullying como tema central do texto; b) público-alvo do texto: crianças e adolescentes em condição escolar ou não; c) relato detalhado e contextualizado do bullying sofrido. Adicionado a esses materiais, a literatura utilizada como referência para a compreensão do fenômeno do bullying incluiu as obras de Freud sobre a cultura e textos de autores contemporâneos da área da Educação. A análise dos dados provenientes da coleta foi realizada a partir da análise de conteúdo e como resultado criaram-se três categorias temáticas: a) contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; b) consequências do bullying, tanto para agressores, vítimas ou espectadores e c) presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno. Discute-se a presença do bullying em paralelo a uma esfera social e coletiva, onde as formações das crianças e adolescentes são regidas pelo narcisismo e marcadas por desajustes emocionais, incitando o desenvolvimento de agressores perversos, vítimas passivas e espectadores condescendentes à violência. Confirmou-se a presença de estrutura similar à massa psicológica, contendo traços perversos e mecanismos de identificação, além da suposição das vítimas com características marcadamente melancólicas estarem suscetíveis à passividade do fenômeno. Por fim, discutiu-se a figura do espectador nas intervenções anti-bullying, como colaborador à comunidade escolar e engajado em posturas firmes e não permissivas ao fenômeno.

**Palavras-chave:** Bullying, vítima, agressor, psicologia das massas, psicanálise.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>05</b>
<b>2. OBJETIVOS</b>	<b>13</b>
<b>3. MÉTODO</b>	<b>14</b>
<b>4. ANÁLISE DE DADOS</b>	<b>16</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>26</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O bullying é um fenômeno atual inserido na esfera da violência, marcado usualmente entre pares e comumente relacionado à uma instituição de ensino. O agressor, ou agente do bullying, utiliza-se repetidamente (e sem motivação evidente) de agressões verbais, físicas ou psicológicas, na forma de xingamentos, apelidação humilhante, difamação, coação, coerção, atos discriminatórios ou de isolamento (MARTINS; ALMARIO, 2012) contra um indivíduo considerado mais “fraco”, alvo e vítima do bullying. Na dinâmica do bullying é comum haver um líder que comanda as agressões e o restante do grupo, que reforça sua conduta ou é conivente com as suas ações.

Pode-se descrever o bullying analisando fatores presentes nesse fenômeno: a presença de uma estrutura hierárquica entre alunos, a possibilidade de personalidades que favorecem ou não a presença do bullying (tanto do papel do agressor, quanto da vítima). No que tange a estrutura hierárquica, a violência ali está presente, expressa pela classificação dos sujeitos perante suas características, competências ou classes sociais, dividindo-os entre superiores e inferiores (CROCHÍK, 2012). Essa divisão por características pode ser motivadora do bullying: as crianças que fogem da norma referente à aparência ou intelecto, por exemplo, são alvos do bullying - as acima ou abaixo do peso, ou as consideradas “burras” ou as muito inteligentes e esforçadas.

Quanto a compreensão do fenômeno do bullying, uma das justificativas pode ser encontrada dentro da abordagem psicanalítica: de acordo com Cossalter (2012) em “Além do Princípio do Prazer”, texto freudiano de 1920, postula-se a busca pelo prazer imediato e a evitação dos estímulos desprazerosos. Inseridas nessa lógica, a humilhação e inferioridade causadas nas vítimas enaltecem a autoimagem do sujeito agressor, que enxerga a humilhação da vítima como fonte de prazer.

Nesse sentido, busca-se entender as ligações libidinais do sujeito agressor com a vítima e da vítima com os outros colegas coniventes, aproximando tais ligações ao modelo descritivo de análise de relações de grupo apresentado na obra freudiana “Psicologia das massas e análise do eu” (1920-1923). Nesta, é apresentada a teoria de que a massa possui uma motivação conjunta, fortalecida pela quantidade de membros, os quais juntos permitem ao sujeito realizar a satisfação de seus instintos, que provavelmente não seriam satisfeitos caso o sujeito estivesse sozinho. Além disso, é na massa que se consistirá o cenário de permissividade quanto às censuras internas de cada sujeito, liberando o que antes era recalado inconscientemente.

É na massa psicológica que o sujeito passa por mudanças em sua atividade anímica - estas podem ser descritas em uma acentuada afetividade, concomitante com a diminuição da capacidade intelectual de cada membro, para que todos estejam em um mesmo nível. Portanto, para se chegar nesse dito nivelamento, os sujeitos suprimem suas inibições instintivas individuais e renunciam a suas próprias tendências. Nesse sentido, aflora-se a sugestibilidade de cada membro, apoiada pela carga afetiva acentuada - o contágio entre os sujeitos, ou seja, a imitação de determinadas questões e atividades pela sugestão é motivada pela reciprocidade entre membros e pela necessidade de estar de acordo e não em oposição aos outros, numa lógica libidinal.

Quanto a mudança que tange a diminuição da capacidade intelectual, pode-se comentar que o aumento da afetividade e, por consequência também da sugestão, representa um obstáculo para a atividade mental correta e crítica, já que os sujeitos são pressionados pela massa e porque o senso de responsabilidade está suprimido em grande parte. Essa dinâmica pode ser refletida no fenômeno do bullying - os sujeitos agrupados são capazes de direcionar impulsos violentos contra um alvo, tendo em vista a busca de um acordo em comum e menor responsabilidade individual por seus atos.

Os impulsos violentos citados, os quais podem ser apresentados dentro do grupo, explicitam essa tendência impulsiva, instável e violenta pelo caráter da massa psicológica ser comandada primordialmente pelo inconsciente. Além disso, a explicação para que, no bullying, a dinâmica seja composta de um grupo violento que direciona suas ações a um sujeito-vítima, pode ser vista na característica da massa agrupar indivíduos com mesmos propósitos - por exemplo, um ódio a determinada ideia, instituição ou característica conduz a uma aproximação e unificação entre membros que compartilham tais propósitos. Esse fenômeno pode ser denominado como identificação - um mecanismo psicológico, segundo o Vocabulário da Psicanálise, de Laplanche e Pontalis (2000), pelo qual um sujeito “assimila um aspecto, um atributo de outro, e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”.

Nesse caso citado, os membros coniventes e seguidores do sujeito-agressor, identificados com sua figura líder, repetem e reafirmam os comportamentos agressivos para com um sujeito-alvo, além de se mostrarem identificados entre si numa organização com dinâmicas específicas.

Segundo Freud, em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), o mecanismo citado acima, a identificação, é conhecida como a manifestação mais primeira de certa ligação afetiva entre indivíduos. Esta pode ser explicada em dois cenários: na identificação primária já citada, ou seja, dentro da massa entre membros e líder e entre os próprios membros; o segundo cenário da identificação acontece no complexo de Édipo: a identificação é vista pelo interesse do filho homem pelo pai - o desejo de tomar o lugar paterno e desempenhar seu papel, tomando-o como ideal. Ao mesmo tempo, o filho homem nutre pela mãe um investimento libidinal, tomando-a como objeto investido; em um momento esses dois mecanismos, identificação e investimento libidinal, irão convergir-se, traduzindo-se no complexo de Édipo comum. Mais para frente, o pai torna-se um impedimento para a conquista do investimento objetal da figura da mãe, conduzindo a identificação ao pai a uma condição mais agressiva, desejando sua substituição. Compõe-se, enfim, uma identificação de caráter ambivalente - tanto de afeto quanto de eliminação.

Essa identificação ambivalente toma caráter oriundo da fase oral do desenvolvimento psicosssexual, já que o sujeito incorpora as características do objeto desejado (nesse caso, o pai, à princípio - o desejo de ser como ele), introjetando-as. Portanto, a identificação comporta-se no formato de um Eu à semelhança de seu objeto-modelo de identificação. Ainda segundo Freud (1921, p.63): “sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto”. Com relação a esse trabalho, o que se hipotetiza é a formação de um processo identificatório entre a massa e o líder - objeto escolhido, ou seja, dos atores do bullying e seu líder. A percepção de algum tema em comum entre essas duas figuras (massa-líder) é determinante para o mecanismo da identificação acontecer, sendo que quanto mais significativo for esse elemento comum mais fortalecida será essa identificação. Nesse sentido, quando se fala em fatores comuns que ligam a massa, salientam-se, principalmente, questões afetivas que movimentam grandemente os envolvidos.

É nesse último perfil descrito que se sustenta a massa psicológica - a ligação recíproca dos membros distintos da massa é fortalecida pela identificação que compõe a relação afetiva comum entre os sujeitos descritos. Em paralelo, o funcionamento do bullying é este - o ódio como elemento afetivo que une os integrantes agressores do bullying contra um alvo específico.

Pode-se afirmar que a formação libidinal da massa psicológica se compõe, portanto, pela identificação entre os membros e por um objeto - o líder, o qual torna-se o ideal do eu de



todos os membros. E ainda dentro dessa lógica, vários fenômenos outros apresentam-se: a aproximação da hipnose, sugestão, enamoramento, etc.

Sabe-se pela teoria freudiana que cada indivíduo é formado pela junção de diversos laços de identificação, construindo seu ideal de eu por meio de vários modelos. Segundo o Vocabulário de Psicanálise, de Laplanche (2000), o ideal do eu “é uma formação intrapsíquica relativamente autônoma que serve de referência ao ego para apreciar as suas realizações efetivas”, este é derivado do narcisismo abandonado na infância. Tal ideal pode ser visto também na massa pelo fascínio e submissão ao líder que é sustentado na figura de ideal do eu, pelos membros do grupo.

As identificações com objeto também acontecem nas neuroses de transferência como na histeria (incluindo a formação de sintomas histéricos relacionados ao objeto), e nessas neuroses a identificação é a expressão do que é comum entre o sujeito e o objeto, que pode ser amor - apresentada pela submissão e fascínio ao líder. Nesse ponto, assemelha-se com o exposto sobre o bullying – o achado de traços comuns que une sujeitos contra um alvo.

Outra característica da massa inclui certo grau de enamoramento - em que se ressalta a idealização do objeto que é tratado como o próprio eu, compondo uma libido narcísica dirigida para o objeto - nesse caso para liderança do grupo. A figura do líder compõe-se substituindo o ideal do eu não alcançado pelos sujeitos. Em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), diz-se que o objeto é amado e desejado pelas perfeições que o Eu desejou ter e, que nessa dinâmica, tenta obter para satisfação de seu próprio narcisismo. Vale destacar a diferença entre identificação - processo aqui já descrito e ao enamoramento: o primeiro faz uso da introjeção para adquirir os traços desejados, enriquecendo-se a partir das características do objeto; já no segundo caso, o sujeito está enfraquecido frente ao objeto, para o qual se entregou e permitiu que este permanecesse em primeiro lugar, tornando-se mais importante e prevalente, enquanto o sujeito menos exigente é realocado para segundo plano.

Para fins de aprofundar mais sobre o tema, vale citar o texto freudiano “Luto e Melancolia” (1915/1917) para esclarecer a identificação anterior ao Complexo de Édipo e alguns outros pontos. Nele é explicitada a diferença entre luto e melancolia, sendo antes necessário defini-los: o sujeito melancólico mostra-se abatido, sem interesse no mundo externo, sem capacidade de amar, inibido de qualquer atividade; além de ter sua autoestima rebaixada, expressa em ofensas e punição direcionadas a si mesmo. Essa perda de objeto também aparece no luto: via de regra em cenários de morte de uma pessoa amada ou de forma mais abstrata – a perda de ideal, símbolo, liberdade etc. O luto, por sua vez, não deve

ser considerado uma condição patológica, o qual necessita de tratamento: mesmo que cause no enlutado um distanciamento da vida cotidiana, considera-se um processo natural que com o tempo deverá ser superado. A diferença, portanto, entre melancolia e luto é que no segundo não há um rebaixamento da autoestima – esta não é afetada; dessa forma, todas as outras características são mantidas e compartilhadas em ambos processos – a perda de interesse no mundo externo, já que o objeto perdido não está mais inserido nesse, a perda na capacidade de amar ou buscar um novo objeto, na medida que se substituiria o antigo objeto. Portanto, qualquer atividade que não esteja conectada ao objeto passado não é de interesse do enlutado ou do melancólico.

Nesse sentido, vale retomar o estudo sobre o desenvolvimento da libido e de alguns processos referentes a ela, como regressão e fixação. Na Conferência XXII (1915), Freud explicita como a libido, ou a energia dos impulsos sexuais são adaptáveis, ou como citado, “plásticas”. Por exemplo, se na realidade externa ocorreu alguma frustração e nesse caminho podemos supor uma perda de objeto que foi frustrante, outro impulso sexual quando satisfeito pode compensar essa perda, demonstrando uma compensação dada pela libido. Ademais, ainda no contexto da frustração observada pelo princípio da realidade, é possível que um objeto mais facilmente acessível tome o lugar de outro, de mais difícil acesso, evitando-se a possibilidade de um desprazer. Essas características plásticas da libido diminuem a possibilidade da frustração causar um efeito patogênico no sujeito que as experimenta. É nesse momento que se esclarece parte do caráter patológico da melancolia, visto a dificuldade de dar seguimento ao caminho do investimento libidinal perdido do objeto.

Segundo o Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (2000), a fixação é uma ligação forte da libido direcionada, nesse caso, para determinado objeto. Sendo assim, esta pode permanecer ligada a algumas características do objeto cuja origem da fixação encontra-se em algum estágio anterior de organização psíquica do sujeito. É nesse ponto que a regressão pode mostrar-se presente, ligada ao processo de fixação: a regressão é o processo de retorno a uma fase libidinal já atingida, sejam relações de objeto antigas, identificações ou fases libidinais primitivas. Portanto, a escolha de objeto do melancólico, tendo em vista a fixação e a identificação é baseada num narcisismo, já que, quando acontece a perda do objeto é possível a regressão ao narcisismo, a volta ao eu, compondo-se uma regressão de escolha de objeto que retorna ao narcisismo de origem.

Sabendo que no luto houve a perda do objeto, do qual a libido do sujeito estava investida, é necessário que esta retorne das antigas conexões com o objeto perdido. Essas conexões libidinais apresentam-se na forma de memórias, expectativas e lembranças afetivas

do sujeito relacionadas ao objeto. A desconexão da libido objetual é um processo doloroso, pois está em oposição ao desejo de manter o objeto antes amado e suas respectivas conexões libidinais, impondo o abandono dessa posição da libido, visto que o objeto foi perdido. Aos poucos, ou seja, com o passar do tempo, da aplicação de certa energia de investimento pelo sujeito e da presença do exame da realidade, o objeto, representado nessas memórias e expectativas do sujeito, é desligado de sua libido correspondente a cada uma dessas conexões. Após o desligamento da libido do objeto perdido, o eu está novamente apto e livre para novos investimentos libidinais e atividades externas com o mundo – tal cenário nos casos do luto.

No caso da melancolia, a perda do objeto mostra-se mais específica no sentido de ter uma origem ideal: em alguns casos o objeto não morreu verdadeiramente, mas foi perdido (como nos casos de desilusões amorosas), em outros nem o próprio sujeito sabe relatar conscientemente o que perdeu, ou seja, o indivíduo sabe quem era o objeto perdido mas não sabe afirmar o que exatamente perdeu nesse objeto. Nesse sentido, diferentemente do luto, há uma certa perda que não se encontra a nível consciente. O melancólico por sua vez, além de manter traços do objeto perdido no inconsciente, apresenta a autoestima rebaixada que torna o próprio eu pobre e vazio, enquanto que no luto é o mundo externo que se apresenta pobre e vazio. Dessa forma o doente melancólico apresenta-se com elevada autocritica, explicitando seus defeitos e fraquezas sem pudor e aproximando-se de demasiado autoconhecimento expresso pela recriminação e punição própria. Portanto, a perda do objeto pode extrapolar em uma perda do próprio eu, já empobrecido.

Pelas características da melancolia, pode se dizer que a perda do objeto causou uma perda no indivíduo, no eu, pela exposta perda da autoestima e amor-próprio. Esse cenário explicita uma contradição na constituição psíquica do indivíduo: uma parte do Eu é responsável pelo rebaixamento da autoestima do melancólico, tomando o eu como objeto de avaliação negativa, nesse sentido. Essa parte do Eu responsável pela autorecriminação e punição é dissociada dele, compõe-se uma instância autônoma do sujeito. Essas falas que apresentam a baixa da autoestima do sujeito geralmente não se encaixam em seu próprio perfil, mas sim ao de outra pessoa, ou por assim dizer o objeto perdido. Em outras palavras, a autorecriminação do sujeito dirige-se para o objeto perdido e retorna por fim para o próprio Eu. É por esse motivo que há falta de pudor em ofender a si mesmo: não se fala do próprio sujeito melancólico, mas sim do outro objeto perdido. Nesse sentido, com a perda objetual, logo após uma decepção, o investimento libidinal que deveria ser retirado e deslocado para outro objeto - tarefa dificultosa e resistente - é desviado para o próprio Eu. E após esse

desvio, a libido serve de fonte para se estabelecer uma identificação do Eu com o objeto perdido, reproduzindo-se no próprio melancólico a punição que se desejaria dirigir ao objeto.

É precisamente nesse ponto do texto “Luto e melancolia” (1915) que se encaixa o possível dinamismo psíquico da vítima de bullying: com o recuo da libido que deveria deslocar-se para um novo objeto e por fim acaba dirigindo-se para o Eu, se estabelece uma identificação com o objeto perdido, como citado. A perda do objeto, portanto, transformou-se numa perda do Eu, agora decomposto entre sua instância transformada pela identificação pelo objeto. Essa instância pode ser chamada também de ideal do Eu, que separada do restante do Eu, entra em conflito com ele, se utilizando da auto-observação, censura e recalçamento para fazer uso da autorecriminação.

Como já exposto, a instância do Eu separada deste torna-se responsável pela autorrecriminação do sujeito para consigo mesmo e a outra parte do Eu tem responsabilidade pela presença da identificação. Compõe-se, nessa recriminação, um ódio dirigido ao objeto perdido que agora se apropria dessa instância do Eu (por meio da identificação narcísica) por meio das ofensas. Essa autopunição tem caráter funcional e resultado na satisfação sádica e é prazeroso na melancolia por satisfazer tendências sádicas e de ódio que antes eram dirigidas ao objeto, mas que agora se apropriam do próprio sujeito pela autorecriminação.

O que se pode hipotetizar, então, é a possibilidade da vítima de bullying estar vivenciando um processo semelhante ao de um melancólico, o qual apresenta os sintomas citados de elevada autocrítica, baixa autoestima, mostrando-se vulnerável ao desenvolvimento do bullying. Em casos extremos, o bullying pode ter uma finalização trágica de suicídio, o que não se mostra tão incomum: cerca de 1 em cada 5 crianças pensam em suicídio após serem vítimas de bullying (KOYANAGI et al., 2019). Nesses contextos, o sadismo da vítima exposto pela autorrecriminação e punição dirigida a si mesma é justificativa dos casos suicidas: as ideias suicidas teriam origem na tendência homicida voltada à outra pessoa, ao objeto, que no final teve seu investimento libidinal retornado ao Eu, o que permite que esse próprio Eu também seja o objeto e alvo dessa tendência homicida.

Por fim, nos contextos do bullying praticado a longo prazo - sem o trágico desfecho de suicídio, os efeitos direcionados à vítima podem incluir desde quadros ansiosos e depressivos, queda do desempenho acadêmico e frequência escolar (KOYANAGI et al., 2019), até possíveis retaliações ou vinganças por parte da vítima: numa tentativa de retomada psíquica perante repetidas situações de risco e ataque à autoestima, pode ocorrer uma inversão da autoimagem da vítima, num episódio de autoengrandecimento, mesmo que por

pouco tempo e muitas vezes seguido de um evento violento dirigido para si mesmo - como o suicídio já citado.

No sentido de compreendermos o fenômeno do bullying, realizamos uma coleta de dados em quatro plataformas de notícias online, no período de junho a dezembro de 2019, e tratamos os dados de acordo com a sistemática da pesquisa qualitativa, usando a análise de conteúdo por categoria temática de Bardin (2011).

Os resultados obtidos mostram que o fenômeno do bullying ultrapassa a relação agressor-vítima e envolve uma terceira categoria. Em nossa discussão, ao abordarmos as intervenções propostas nas diversas esferas onde o fenômeno ocorre, percebemos que as estratégias educativas, via de regra, se reduzem a contenções diretas a partir de atuações nas esferas de segurança pública. No sentido de pensar estratégias efetivas de intervenção, ao final consideramos que somente uma ação conjunta entre os diversos atores implicados na ocorrência do fenômeno – a saber, vítima, agressor, espectador, pais e educadores - pode promover uma reestruturação do ambiente sócio-educativo e um restabelecimento dos laços sociais.

## **2. OBJETIVOS**

- Expor o fenômeno do bullying com base em artigos de publicações online sobre o tema em um período de seis meses (junho a dezembro de 2019);
- Verificar se é possível estabelecer uma relação entre a dinâmica do bullying e a formação psicológica da massa na perspectiva da teoria freudiana da cultura.

### **3. MÉTODO**

A literatura utilizada como referência para a compreensão do fenômeno do bullying incluiu as obras de Freud sobre a cultura e textos de autores contemporâneos da área da Educação que abordam o tema. A análise de dados foi realizada de acordo com a sistemática da pesquisa qualitativa, tendo como referência a análise de conteúdo de L. Bardin.

A coleta do material foi realizada nas plataformas online UOL, Estadão, EL PAÍS Brasil e Revista Educação, no período de junho a dezembro de 2019. A palavra--chave usada foi “bullying” e os critérios de seleção foram: 1) o bullying como tema central do texto; 2) crianças e adolescentes em condição escolar ou não, como público-alvo; 3) relato detalhado e contextualizado do bullying sofrido pelo público-alvo. Com esses critérios citados, compõe-se a unidade de registro e a unidade de contexto usadas para a análise de conteúdo a ser realizada.

#### **3.1 PROCEDIMENTOS**

##### **3.1.1 Seleção de textos**

Por meio da palavra--chave “bullying” foram localizados oito links na plataforma do UOL, contendo notícias e conteúdos de blog, excluindo os conteúdos que não atendiam aos critérios de seleção.

Na plataforma online do Jornal O Estado de S. Paulo - O Estadão, de acordo com os critérios, foi selecionado somente um conteúdo.

Por fim, na Revista Educação não foram encontrados conteúdos com os critérios.

##### **3.1.2 Análise de dados**

Realizadas as etapas anteriores, os dados coletados foram categorizados de acordo com a análise de conteúdo de L. Bardin (2011), e abordados por meio da perspectiva psicanalítica da cultura.

Escolhidos os conteúdos, seguiu-se a leitura flutuante, indicada por Bardin (2011) como método adequado a pré-análise de conteúdo, e a formulação das seguintes hipóteses: (a) contexto/quadro conturbado (tanto das vítimas quanto dos agentes do bullying) anterior ao

bullying pode favorecer as chances de adesão do fenômeno; (b) as consequências do bullying podem envolver mudança de postura das vítimas, que se tornam agentes de desfechos trágicos, ou reprodutoras de mudanças corporais. Após essa fase, categorias temáticas de análise foram criadas a fim de organizar e agrupar conteúdos comuns, estas foram:

(a) contexto/quadro conturbado anterior ao bullying: passado dos envolvidos no fenômeno contendo abandono parental; fase da puberdade/adolescência, como segundo tempo da sexualidade humana e momento de desligamento da autoridade dos pais (Freud, 1974); contextos de preconceito racial, gordofobia e até mesmo inflamações na pele das vítimas como motivações para o bullying. Em suma, o fenômeno dirigido a sujeitos que fogem da norma considerada adequada (pessoas gordas, negras, consideradas “estranhas” ou muito inteligentes, por exemplo);

(b) consequências do bullying, tanto para agressores, vítimas ou espectadores: mudanças fisiológicas/corporais em maior ou menor extensão, como emagrecimento e melhorias na aparência da pele; compartilhamento nas redes sociais; retorno ao uso de psicotrópicos; agravos de saúde mental; agressividade; queda de rendimento escolar; assassinatos; massacres; suicídio;

(c) presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno: familiares; usuários de redes sociais; colegas de classe; professores; corpo de funcionários da escola; órgãos de segurança pública (delegacia) - sendo essas pessoas terceiras que, como espectadores do bullying, auxiliaram em sua extinção ou foram coniventes ao fenômeno.



## 4. ANÁLISE DE DADOS

### 4.1 UOL

#### a) *Conteúdo*

O primeiro texto traz à tona diversas temáticas que permeiam o fenômeno: a história de uma mãe que emagreceu 106 kg motivada pelo bullying que seu filho sofria por ter uma mãe gorda: “passei a ser chamada com frequência na escola do meu filho porque ele demonstrava um comportamento muito agressivo, batendo nos colegas. Até que descobri que ele fazia isso porque não aguentava ser chamado de 'filho da gorda'...”. Ainda completa: “Enquanto o bullying era comigo [mãe], segurei. Quando vi que estava atingindo meu filho, desmorenei. Precisava fazer alguma coisa...”. Como citado, a mãe afirma que também sofreu bullying desde criança por conta de seu peso: “Na escola, os colegas não perdoavam. Recebi todos os apelidos relacionados ao excesso de peso que você possa imaginar. Dos melhores amigos até quem eu mal conhecia, absolutamente todos se dirigiam a mim com uma palavra desagradável mesmo que na base da 'brincadeira'...”

#### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às três categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas; presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

A primeira categoria diz respeito ao preconceito e discriminação às pessoas gordas - gordofobia. É interessante notar a capacidade da agressão não envolver ofensas diretamente à aparência do alvo: no caso, a vítima é filho de uma mãe gorda, o que motiva o bullying da mesma maneira. Apesar disso, a mãe também relata ter sofrido bullying durante sua infância, o que se pode inclusive destacar em seu relato é a capacidade da massa psicológica unir até quem era próximo da vítima para agredi-la em “dos melhores amigos até quem eu mal conhecia”.

A segunda e terceira categorias relacionam-se com o aparecimento de comportamento agressivo no filho após ser alvo de bullying e o fato de sua mãe engajar-se na perda de peso com a finalidade de cessar a agressão ao filho. Nesse sentido, pode-se suspeitar de mecanismos de identificação da mãe para com o filho, relacionando-se com a fala: “Enquanto

o bullying era comigo, segurei. Quando vi que estava atingindo meu filho, desmoronei. Precisava fazer alguma coisa...”

*b) Conteúdo*

O segundo texto aborda um caso que viralizou nas redes sociais: em uma festa de aniversário infantil, um dos convidados, incomodado pelo bullying que outras crianças praticavam contra seu amigo, pediu ao seu pai para buscá-los. O pai, emocionado pela situação, divulgou a conversa em que o filho faz o pedido para buscá-los: “Pai, vem me buscar, fazendo favor, não quero ficar na festa do Gabriel. Você sabe que o Rafa é meu melhor amigo da escola, né. Aí o Gabriel e os outros meninos ‘tão’ fazendo bullying com o Rafa. Tão chamando ele de preto e gordo. Eu não fiz bullying não, tá? Eu defendi ele e falei pra parar. Eu falei pro pai do Gabriel e pro homem que tá vestido de Minecraft, mas eles deram risada. Agora, a gente tá aqui sozinho. Pai, quando você vir, pega o Rafa também pra gente não deixar meu amigo aqui sozinho...”

*Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às três categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas e presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

A primeira categoria diz respeito ao preconceito e discriminação racial e a gordofobia, novamente. Sendo esses motivadores do bullying em forma de violência verbal e isolamento da vítima e seu colega.

A outra categoria relaciona-se com diversos sujeitos envolvidos na dinâmica de bullying apresentada: a vítima, seu amigo, o pai do amigo, os agressores que se dividem entre colegas de escola e adultos, estes últimos que são permissivos à agressão, e até mesmo os usuários das redes sociais que interagiram com a postagem. Nesse cenário, o amigo da vítima e seu pai foram, respectivamente, espectadores diretos e indiretos do bullying que fugiram à lógica da massa psicológica, sendo que a vítima e seu amigo foram isolados do grupo de agressores. Outra questão a ser pontuada é, novamente, a característica da massa agrupar sujeitos distintos para um mesmo fim, como os adultos participantes do evento que “deram risada”.

Por fim, a terceira categoria é representada aqui na repercussão do caso, em uma tentativa de entender o que diferencia o impacto positivo e apoio ao combate do bullying nos meios virtuais e nesse sentido, distante da realidade; em oposição, na realidade presencial, tais episódios geralmente não geram adesão ao combate do bullying, contribuindo para sua manutenção e isolamento das vítimas em “Agora, a gente tá aqui sozinho”. Portanto, o virtual e o real como diferentes cenários, comovem e engajam de maneira diferente os usuários das redes sociais e os envolvidos diretos, respectivamente.

### *c) Conteúdo*

No terceiro texto, o título: “Sofria bullying [na escola] e me achava frágil. Malhar me deu músculos e autoestima” apresenta um jovem adulto que sofreu bullying por conta de seu corpo durante a adolescência. Na reportagem, é apresentado que o alvo de bullying tinha verrugas e pele acneica no rosto, além de não se sentir bem com o corpo magro, tornando-se uma pessoa tímida e com dificuldade de se relacionar com outras pessoas. Segundo o entrevistado: “[...] um menino me perseguia muito. Ele colocava apelidos em mim, ameaçava me bater, pegava meus objetos, fazia chantagens. Eu sabia que jamais reagiria a uma agressão, o que foi me minando e tirou meu ânimo de estudar”. Ainda relata que pediu transferência para outra escola, onde o bullying permaneceu: sofreu uma agressão ao ser confundido com outra pessoa e isso gerou uma perseguição pior, pois o esperavam na saída da escola - “Isso começou a gerar um pânico em mim. Tinha de me esconder para não apanhar...”, até que resolveu pedir nova transferência de escola.

### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às três categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas; presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

A primeira categoria relaciona-se com o fato da motivação do bullying ser a aparência da vítima - a questão da magreza e da pele do rosto. Comparando-se com os outros conteúdos em que foi citada a gordofobia relacionada ao bullying, o que se vê nessa análise é o outro extremo - magreza. Esse raciocínio levanta indagações sobre uma suposta norma que, hipotetiza-se aqui, está por trás das agressões: quem está fora dessa norma é potencialmente alvo do bullying.

Quanto à segunda categoria, as consequências são vistas nas questões de permanência estudantil em que a vítima pede transferência de escola e na queda de rendimento escolar em “... foi me ‘minando’ e tirou meu ânimo de estudar”.

A terceira categoria diz respeito aos espectadores indiretos relacionados ao ambiente da escola. Tendo em vista que a vítima pediu transferência em duas escolas motivada pelas agressões, entende-se que em nenhum dos momentos sua demanda com relação ao bullying foi sanada pelo corpo de funcionários e docentes.

#### *d) Conteúdo*

Na quarta reportagem, a história contada é de uma garota de 8 anos que sofria bullying “por ser esquisita”. Foi diagnosticada com Síndrome de Asperger e por se desenvolver com grande habilidade na escola, submeteu-se a testagem com instrumentos de inteligência, o qual resultou em um escore em QI de 162, valor bastante superior ao da média da população. A mãe da menina conta que nos primeiros anos escolares, a filha era verbalmente insultada e que chegou a desenvolver uma “depressão profunda”.

#### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às três categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas; presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

A primeira categoria diz respeito ao fato de considerarem o comportamento da vítima como estranho, “esquisito”: esse comportamento é exposto como o motivador do bullying. Vale citar que sujeitos dotados das chamadas altas habilidades intelectuais, podem apresentar dificuldades de ajustamento social, o que cria a possibilidade de isolamento social e rejeição por parte dos pares (ALENCAR, 2007), explicando, em partes, o fenômeno do bullying novamente ser dirigido para sujeitos fora da norma, mesmo aqueles com habilidades apreciadas socialmente como a inteligência.

A segunda categoria refere-se ao fato da menina ter desenvolvido sintomáticas da depressão após a exposição às agressões. Outro fato que pode ter sido consequência do bullying é a atenção que o dito comportamento “esquisito” teve: a partir dele foi diagnosticada a alta habilidade da criança.

Por fim, a terceira categoria relaciona-se com a intervenção da mãe com relação ao bullying, intervenção essa que foi capaz de perceber a diferença de comportamento da vítima, cessar a agressão e ainda possibilitar seu diagnóstico de superdotação, o que permite melhores abordagens escolares com a criança.

#### *e) Conteúdo*

A quinta reportagem conta a história de um garoto que teve sua história compartilhada por sua professora nas redes sociais. Segundo o relato da professora, a criança apareceu na escola com uma camiseta improvisada com alfinetes e papel para determinada atividade escolar que pedia uma camiseta de sua universidade favorita e foi alvo de bullying. Após a postagem nas redes sociais, o garoto obteve grande apoio e recebeu novos produtos da universidade em questão, além de criarem um novo modelo inspirado na improvisação do garoto.

#### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às três categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas; presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

O primeiro tópico diz respeito à camiseta improvisada do garoto e, apesar de ser uma motivação diminuta, é novamente o fato do garoto não estar inserido na norma de se ter uma camiseta nos termos formais que gerou o bullying.

As categorias de consequências do bullying e presença de espectadores referem-se, respectivamente, na comoção e apelo que as redes sociais geram, associadas, ainda, à assistência dada pela professora - figura que possibilitou o apoio à vítima. Cabe, novamente, indagar a repercussão positiva do caso no mundo virtual, diferentemente da realidade física.

#### *f) Conteúdo*

A sexta notícia relata um caso trágico de um idoso que matou um ex-colega da escola por vingança. O caso aconteceu na Tailândia, durante um reencontro com os ex-alunos da turma, o idoso de 69 anos, militar reformado, foi tirar satisfações com o antigo colega de turma com relação aos ataques de bullying durante sua adolescência, exigindo um pedido de desculpas. O ex-colega, por sua vez, afirmou que não se recordava de nenhuma desavença, o que fez o militar disparar um tiro contra ele e logo em seguida fugir.

### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às categorias definidas: consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas; presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

As consequências do bullying podem ser expostas em um período de longo prazo: mesmo após passados 50 anos das agressões, o bullying resultou em um episódio de homicídio. Hipotetiza-se que, em casos extremos como o visto, o homicídio não pode ser causado unicamente pela questão do bullying, sendo multifatorial e envolvendo outras variáveis referentes a psicodinâmica do militar homicida.

A última categoria pode ser pensada a partir dos sobreviventes ao episódio de homicídio, além de possíveis espectadores do próprio bullying durante a adolescência dos envolvidos, supondo-se que, para o final resultar em homicídio, as agressões nesse período seriam intensas. Supõe-se, também, tendo em vista o resultado final, que não houve nenhuma intervenção por parte de espectadores com a finalidade de cessar o bullying durante a juventude dos ex-colegas.

### *g) Conteúdo*

A penúltima notícia trata de outro caso de bullying com alvo em vítima com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A vítima é um estudante de 16 anos, que foi empurrado do primeiro andar de sua escola por um grupo de agressores. A mãe do adolescente registrou o 3º boletim de ocorrência denunciando o bullying na escola. Entre as agressões, a mãe conta que o celular do filho foi quebrado, ameaçaram empurrá-lo de uma altura maior, entre outras violências. Segundo a mãe, o adolescente passou a apresentar um quadro depressivo e pioras quanto ao TEA, como problemas na fala e mudanças comportamentais, retornando ao uso de medicamentos. Os alunos da escola, comovidos pela situação, fizeram uma manifestação contra os episódios de bullying; o jovem alvo do bullying reconheceu dois dos manifestantes como seus agressores. O caso seguiu para investigação na Delegacia Especializada e quatro estudantes foram punidos com advertências e suspensão escolar.

### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às três categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas; presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

A primeira categoria novamente refere-se a recorrência de sujeitos dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA) sofrerem bullying, tendo em vista possíveis dificuldades de interação social, em construir e manter relações de amizade, o que geralmente faz com que se tornem alvos. Salientam-se agressões intensas sofridas pela vítima, ameaçando até mesmo sua integridade física.

A segunda categoria diz respeito às consequências de piora do quadro de TEA da vítima - problemas na fala, retorno ao uso de medicamentos e mudanças comportamentais. Outra consequência relaciona-se com a punição breve dos agentes do bullying - advertências e suspensão - o que, provavelmente, não surtirá efeito em cessar a violência e reintegrar os envolvidos em uma lógica de bem estar e harmonia no ambiente escolar.

A terceira categoria refere-se à postura dos espectadores - alunos da escola - de se reunirem na manifestação contra o bullying. Aqui, pode-se pensar a partir da comoção gerada, na possível formação de uma massa psicológica com objetivos opostos à massa psicológica que realiza as agressões.

#### *h) Conteúdo*

Por fim, a última reportagem encontrada na plataforma do UOL trata da guerra ao bullying. O texto inicia com o relato do ataque a uma escola brasileira em 2017, realizado por uma vítima de bullying. Segundo a reportagem, o jovem possuía um alvo específico, o qual recebeu dois tiros e somente não houve maior número de feridos porque a coordenadora da escola se pôs entre os alunos e o jovem, convencendo-o a entregar sua arma. Inspirado em massacres anteriores nos EUA, o perpetrador do ataque apresentava transtornos psicológicos e afirmou que sofria bullying, era “chamado de fedido” e seu agressor chegou a levar um desodorante para a escola como forma de zombar dele. O texto continua a reflexão acerca do massacre na seguinte linha de raciocínio: se a problemática era o bullying pelo fato do jovem não se adequar a norma, quais seriam os motivos que o impediram de se adequar a maioria se o custo de não se adequar era mentalmente muito alto.

#### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às três categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas; presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

A primeira categoria, apesar de não haver muitas explicações sobre, diz respeito ao contexto da vítima apresentar transtornos psicológicos, o que provavelmente expõe, novamente, comportamentos que fogem à norma, motivando o bullying.

A segunda categoria refere-se ao desfecho trágico do ataque da antiga vítima de bullying ao seu agressor. Vale citar que o perpetrador do ataque não visava somente seu antigo agressor, o que deixa margem a se pensar outras possíveis pessoas que poderiam também ser alvos do ataque.

Nesse sentido, cabe pensar, na terceira categoria exposta, que as pessoas que só não foram atacadas pela interferência da coordenadora, poderiam ser espectadores do bullying sofrido pelo agora então homicida, e que não tiveram uma postura ativa na extinção das agressões quando alvejadas à vítima. Outro ponto a ser levantado é o posicionamento admirado da coordenadora em impedir que o ataque tomasse maiores proporções, contudo, há de se pensar a parcela de responsabilidade do corpo de funcionários e docentes da escola com relação a prevenção e intervenção dos casos de bullying, evitando-se que desfechos trágicos como o descrito ocorram.

Com relação às reflexões propostas ao final da reportagem, pode-se pensar nas dinâmicas psíquicas que levam os sujeitos a manterem-se como figuras relativamente estáveis dentro do bullying - tanto como vítimas, agressores ou espectadores. Subentende-se que, para os espectadores, dentro da lógica da massa, é adequado que sigam o líder da agressão, minimizando-se as chances de se tornarem próximas vítimas caso mudem sua postura condescendente ao fenômeno. Quanto aos agressores, a agressão reafirma seu *status* de força física e influência, ratificando a postura de líder da massa psicológica.

## 4.2 ESTADÃO

### a) *Conteúdo*

O texto escolhido trata de adolescentes com dermatite atópica, condição não contagiosa, crônica e genética caracterizada por pele seca, lesões que coçam muito e crostas em toda *cútis*. A reportagem cita um estudo (ZUBERBIER et al., 2006), o qual



relata uma média de dias escolares perdidos por conta da condição - cerca de 26 dias no total para quem apresenta a doença. Esse mesmo estudo apontou que quadros de depressão estão presentes em 52% dos jovens com dermatite atópica, além de 39% (dos jovens de 8 a 17 anos) afirmarem que foram vítimas de bullying por conta da condição. Além disso, os participantes da pesquisa relataram menor autoconfiança e preocupação em sair em público.

### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas.

A primeira categoria refere-se, novamente, à questão da aparência do alvo de bullying, dessa vez da pele lesionada pela dermatite atópica, como motivação para o bullying. Novamente, o que se vê nesse conteúdo é a presença de sujeitos que fogem à norma e que por essa razão são alvos do bullying.

As consequências do bullying podem ser vistas na média de faltas dos alunos que possuem o agravo na pele e nos dados de sujeitos que apresentam quadros de depressão, além dos sentimentos associados a própria dermatite atópica somada ao bullying, como a descrita menor autoconfiança e autoestima e a preocupação em sair de casa durante as crises.

## 4.3 EL PAÍS BRASIL

### *a) Conteúdo*

Na plataforma online do Jornal El País Brasil o conteúdo tinha o foco na atual estratégia de vigilância das escolas e dos alunos como maneira de inibir a violência. O início da reportagem relatava os ataques dentro de escolas brasileiras cometidos por alunos que eram alvo de bullying. O primeiro ataque aconteceu em 2011, quando um ex-aluno de uma escola no Rio de Janeiro (RJ) matou 12 crianças e depois se suicidou. O segundo ataque, em 2019, foi cometido por uma dupla de jovens que assassinou 5 alunos, 2 funcionárias da escola e 1 adulto (tio de um dos atiradores) em Suzano (SP); a dupla também se suicidou após o massacre. É relatado que um dos jovens possuía algumas questões disfuncionais em relação a sua mãe, que era dependente química e afastada dele, o deixou para ser cuidado pelos avós,

além disso, apresentavam comportamentos tidos como “estranhos”, além de isolamento e menor ajustamento social. Ambos os ataques tiveram como motivação, entre diversas causas, o bullying sofrido pelas vítimas, agora homicidas. A reportagem segue falando acerca das ações de segurança ostensiva nas escolas e não intervenções que auxiliem na convivência escolar, apontadas pelos especialistas como o melhor caminho para evitar cenários de tragédia do tipo.

### *Análise*

O conteúdo exposto traz à tona questões relacionadas às três categorias definidas: contexto/quadro conturbado anterior ao bullying; consequências do bullying, tanto para agressores quanto para vítimas; presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno.

A primeira categoria diz respeito a possíveis questões referentes aos comportamentos considerados “estranhos” dos jovens, possivelmente referentes a um comportamento de isolamento social e afastamento de seus pares, além da questão levantada sobre a relação disfuncional com a mãe de um dos jovens.

A segunda categoria refere-se ao, novamente, desfecho trágico do bullying, envolvendo o ataque aos colegas de escola e posterior suicídio dos perpetradores. Outra consequência relaciona-se com a ação reativa da escola após o episódio, investindo em segurança ostensiva e não em intervenções que abranjam as causas do bullying, para que essas sim possam ser trabalhadas de maneira mais cuidadosa.

A terceira categoria associa-se às pessoas que não eram os agentes de bullying dos jovens homicidas, mas que também foram atacadas, o que suscita novamente o debate de espectadores não ativos à extinção do fenômeno e que por essa razão, foram alvos do ódio descompensado dos perpetradores.

## 4.4 REVISTA EDUCAÇÃO

Na Revista Educação não foram encontrados conteúdos com a palavra-chave naquele determinado período de junho a dezembro de 2019.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência não é um fenômeno novo e acompanha a história da humanidade em inúmeras sociedades, tanto ocidentais como orientais. Nesse sentido, o processo civilizatório de diversos corpos sociais exigiu uma censura aos impulsos humanos a fim de uma vivência coletiva e não individual, sob termos de uma lei regente. Desse processo de contenção, entende-se também uma violência: pois se para conter inclinações humanas hostis foi necessária a aplicação de um cerceamento, configura-se uma também resposta violenta da sociedade à violência humana (MARANGONI, 2018). Nesse sentido, acontecimentos diversos durante o desenvolvimento psicossocial do sujeito determinam o quanto este se adapta a vivência em sociedade, renunciando aos seus impulsos primitivos.

Associado ao exposto, atualmente, considera-se a violência como um evento pertencente às esferas social e psíquica, somado a questões referentes aos processos sociais do mundo contemporâneo como a concentração e baixa distribuição de renda, a exclusão social, e a incorreta associação entre felicidade e um alto padrão de consumo (MARANGONI, 2018). O bullying, dessa maneira, apresenta-se de acordo a essa estrutura violenta: em extensão ao visto no tecido social, o bullying se concretiza entre os pares na escola e de maneira mutuamente relacionada a outros fatores fora da esfera individual.

Nesse cenário de bullying, extrapolando para o campo social e coletivo, o modelo de família e sociedade contemporâneas incentivam as formações e identidades narcísicas: ao sujeito agressor - *bully* - é dado o valor da supremacia, maior inclusive que o valor da sociedade (PINHO, 2011 apud SIMÕES et al., 2017), que não proporciona aos adolescentes e crianças modelos de identificação apropriados. Além disso, formada a identidade narcísica nesse cenário contemporâneo, o agressor entrega ao outro todos os impulsos que podem ameaçar a unidade e coesão de sua formação narcísica, auxiliando na manutenção dessa identidade agressiva.

As figuras envolvidas no fenômeno, como agressores (*bullies*), vítimas e espectadores (*bystander*) possuem traços específicos que as colocam como protagonistas do bullying. Os agressores, como apresentado na análise, apresentam uma dificuldade em aceitar as normas, em termos psicanalíticos, poderia se dizer uma dificuldade em aceitar a lei. Apesar disso, os agressores possuem sagacidade em esquivarem-se das punições, tendo em vista as proporções que o bullying abrange, tanto de maneira quantitativa com um tempo longo de agressão, quanto qualitativa com o recrudescimento da tipologia da agressão. Nesse sentido, a

transgressão à lei configura-se como um ato perverso, no qual não há renúncia dos impulsos humanos, e a lei é driblada.

Dessa forma, a perversão é, de maneira genérica, segundo Laplanche e Pontalis (2000), um desvio do prazer, que é alcançado em outros objetos, mediante uma substituição simbólica. Um formato de perversão em que a satisfação é obtida por meio do sofrimento do outro configura-se como sádica, na forma de uma satisfação que extrapola a esfera sexual. Para Freud (1905), a perversão é o negativo da neurose, visto que na neurose há a repressão dos impulsos, sob a ordem da castração, e na perversão há a recusa, o não reconhecimento da falta, da castração.

Dentro da dinâmica do bullying, a perversão se faz presente na prática do agressor: ao mesmo tempo que transgredir a lei ao agredir os pares, o agressor (ou *bully*) está adaptado à comunidade escolar e portanto, não sofre punições e a violência persiste. Vale destacar aqui, para fins de exemplificação, o sétimo conteúdo trazido na análise dados: após a vítima sofrer agressões físicas graves e obter engajamento por parte da comunidade escolar na forma de um protesto realizado contra o bullying, os agressores foram avistados fazendo parte da manifestação. Dessa forma, o agressor não reconhece a norma uma vez que ela não se aplica a ele; em suma, o agressor é favorável à aplicação desta, porém somente quando é conveniente à sua prática e ele se sente autorizado a transgredi-la. Nessa lógica, o autor de sua lei é o próprio perverso, pois como as normas não foram por ele interiorizadas, elas permanecem externas e são desafiadas pelo agressor, que se satisfaz em sua transgressão. Pode-se dizer que o perverso, apesar de recusar o reconhecimento da castração para si próprio, é o agente da castração para o outro, reconhecendo e imputando-a aos pares, as vítimas de bullying. Vale destacar que esse traço de perversão está ligado também a um recorte de gênero: entre os agressores do sexo masculino a violência física predomina, enquanto as agressoras do sexo feminino, estão mais relacionadas a uma violência indireta ou relacional, em que há uma exclusão social da vítima (SMITH, 2003).

Ao se discutir as possíveis causas do bullying, levanta-se a possibilidade dos agressores apresentarem um encurtamento do período de latência, tendo em vista que são sujeitos considerados precoces em seu desenvolvimento (MARANGONI, 2018). O período de latência, como declínio do Complexo de Édipo, propicia o surgimento dos diques psíquicos, como o nojo, a vergonha e o imperativo da moral; é um período em que os impulsos sexuais estão mais abrandados e que o sujeito se inclina para seu desenvolvimento

como homem em uma civilização, apropriando-se da cultura. Segundo Marangoni (2018), a precocidade do agressor e o encurtamento do período de latência pode significar, nos agressores, que condições psíquicas para assimilação das normas da cultura e da lei não foram efetivas, o que poderia causar a perversão apontada no bullying. Ainda é possível relacionar ao agente do bullying, um investimento amoroso insuficiente por parte dos pais, durante a infância (BIRMAN, 2007 apud MARANGONI, 2018), o que se associa com os casos apresentados na análise de dados em que houve um abandono parental, confirmando-se que nesses casos, a hipótese levantada na primeira categoria temática da análise de dados “contexto/quadro conturbado anterior ao bullying” tem validade.

Com relação às vítimas, conforme apontado na análise de dados, são descritas geralmente como crianças e adolescentes tímidos, mais vulneráveis, com baixa autoestima, sensíveis e isolados socialmente, além disso, normalmente são incapazes de se defenderem sozinhos. O fato de não se defenderem e exibirem passividade cria um cenário de maior vulnerabilidade e exposição à violência, auxiliando na persistência do fenômeno. Dessa forma, vale notar que tanto vítima como agressor exibem condições emocionais desfavoráveis à boa convivência. A vítima típica, nesse sentido, é tomada pela incapacidade de vivenciar e manejar o conflito em que está inserida pela inércia que a acomete, impossibilitando enxergar soluções para o bullying sofrido. Por esse ângulo, Marangoni (2018) hipotetiza que durante a infância, a vítima de bullying estava vinculada a um envolvimento emocional excessivo com relação a pais com características superprotetoras. O resultado desse envolvimento infantil no cenário do bullying é a dependência para com outros na busca de ajuda, a fim de cessar o bullying, e passividade aparente das vítimas. A dinâmica, então, da vítima de bullying e o excesso de investimento amoroso recebido pelos pais e do outro lado, o agressor do bullying e a falta de investimento afetivo parental cria o cenário propício a violência do agressor e a passividade da vítima.

A vítima do bullying também pode apresentar outras características, além da exposta vítima típica, quando há um desejo de vingança direcionado aos agressores (MARANGONI, 2018). A vítima agressora, portanto, se faz presente na segunda categoria temática encontrada: “consequências do bullying”, apontados nos desfechos trágicos e catárticos de massacres, homicídios e suicídios advindos da dor e revolta das vítimas de bullying. Nesse aspecto, Marangoni (2018), afirma que o sentimento de vingança pela vítima é regra e consequência do bullying, mesmo que fique somente sob a forma de desejo e fantasia e não se torne realidade. O autor ainda cita que o suicídio das vítimas, como um fenômeno de dano

a si próprio, indiretamente direciona sofrimento ao outro, o que configura também uma maneira de vingança da vítima agressora.

A figura da vítima, tanto típica quanto agressora, atravessa um cenário complexo e muitas vezes perturbado, seguindo o exposto na primeira categoria temática formada na análise dos dados: “contexto/quadro conturbado anterior ao bullying”. Na introdução, foi levantada a hipótese da vítima de bullying estar vivenciando um processo semelhante ao de um melancólico, o qual apresenta os sintomas melancólicos de elevada autocrítica e baixa autoestima. Entende-se que o período da puberdade e adolescência, é marcado como o segundo tempo do desenvolvimento da sexualidade humana e momento de desligamento da autoridade dos pais (FREUD, 1974). O resultado entendido aqui é a então perda de um objeto, provavelmente ao nível inconsciente, no caso, os pais, aos quais havia extrema ligação. E nesse sentido, a melancolia é marcada pela perda de um objeto, tanto físico como abstrato, como símbolos, ideais etc. Como já discutido, suspeita-se que a vítima estava emocionalmente envolvida em excesso aos pais com características superprotetoras durante a infância (MARANGONI, 2018), o que abre margem para se pensar a perda dessa relação com grande envolvimento emocional e proteção durante a adolescência. Seguida dessa perda, a libido da vítima recuou-se do objeto perdido (pais) e dirigiu-se para o Eu, que estabelece uma identificação com esse objeto já não existente. Essa identificação é a responsável pela autorecriminação e autopunição da vítima, que vulnerabilizada e fragilizada, não consegue se proteger do bullying que sofre.

Ainda é possível levantar que dentro da dinâmica do bullying, a relação não é em díade (agressor-vítima), mas sim uma tríade que envolve as figuras do agressor, vítima e de espectadores, haja visto a terceira categoria criada na análise de dados - “presença de espectadores diretos e indiretos do fenômeno”. Para observadores externos, a fronteira entre “brincadeira” e agressão pode aparentar ser tênue, contudo, para os envolvidos é claro e sentido quando a interação tem formato de agressão ou não. Feita essa adição, os espectadores (ou *bystander*) do bullying podem ser definidos como participantes ativos e envolvidos na arquitetura social do bullying (TWEMLOW et al., 2004). O espectador, de acordo com as categorias temáticas levantadas, podem ser os citados colegas, professores, coordenadores, pais e outras figuras que podem promover ou não a melhora do fenômeno nas escolas. São figuras consideradas proeminentes nessa dinâmica, pois a audiência que podem ou não dar ao agressor e ao bullying permite que a situação se agrave ou arrefeça. Por exemplo, espectadores passivos ao bullying reforçam um consentimento velado ao agressor

quando a violência não é dita como inaceitável, diferentemente de espectadores que se colocam em prol da vítima.

Tendo em vista o exposto, é possível verificar a hipótese levantada nos objetivos acerca do fenômeno do bullying ser regido pela lógica da psicologia das massas. Na análise do conteúdo, ficou clara a estrutura hierárquica entre os alunos, divididos entre as três figuras protagonistas do fenômeno: vítima, agressor e espectadores. Como apresentado, a figura do espectador é de grande importância, pelo fato deste prover o reforço social ao agressor e auxiliar na persistência da violência, caso não haja uma intervenção. Dessa forma, a figura do espectador funciona como os citados membros da massa psicológica, em que nela é possível a satisfação dos instintos, inclusive os perversos, como já explanado. Dentro desse cenário, os espectadores/membros da massa exibem permissividade quanto às censuras impostas a cada sujeito, o que permite que o fenômeno do bullying corra sem proibições. Ainda foi possível observar, também relacionado a figura do espectador, o acentuado contágio entre os sujeitos envolvidos no bullying, entendendo a reciprocidade entre os agressores e espectadores em acordo e não oposição à persistência do fenômeno.

Além disso, também pensando na lógica das massas, o agressor classifica-se como o líder da massa, o objeto de amor de seus membros-espectadores do bullying, que submetem-se a observar a violência sem intervir. A esses espectadores não ativos à extinção da agressão, confirma-se o fenômeno da identificação entre o líder e os membros da massa, em que é escolhido um elemento em comum que consolida a ligação massa-líder. O elemento em comum, segundo a análise dos dados, apresentou-se na forma do próprio bullying e na eleição de um alvo para ser sacrificado, a vítima.

Com relação à primeira categoria temática levantada “contexto/quadro conturbado anterior ao bullying”, entende-se, segundo a análise dos dados, uma norma com relação aos alvos do bullying. Essa norma aparece numa tentativa de classificar e hierarquizar os alunos e, os que fogem a essa norma, são submetidos e alvejados pela agressão. Vale citar que essa norma é apresentada de acordo com uma construção social do que é considerado adequado e valorizado, portanto apresenta-se em paralelo a existência do preconceito. O preconceito é caracterizado por “uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais, dirigida contra um grupo inteiro ou contra os indivíduos pertencentes a ele, e que preenche uma função irracional definida dentro da personalidade” (JAHODA; ACKERMAN, 1969, p. 27, apud ANTUNES; ZUIN, 2008). Dessa maneira, constrói-se uma narrativa que busca alvos do

preconceito e do bullying escolhidos mediante uma construção social, com o intuito de alívio aos conflitos gerados durante o desenvolvimento no processo de socialização e introjeção das regras sociais.

Entendendo que essa inadequação à norma é encarada como a motivação do bullying ou até mesmo do citado preconceito, em uma tentativa de cessar o bullying, a vítima passiva não se engaja em soluções ativas para cessar o bullying. A tentativa de findar o bullying virá de investidas em adequar-se à norma, como apontado na segunda categoria temática “consequências do bullying”: em que as vítimas tentaram emagrecer, malhar, ou ainda tratar a pele acneica. Essas tentativas podem ser interpretadas como uma investida na direção de fazer parte da massa, ao contrário de serem alvos dessa massa psicológica. Como já citado, a massa psicológica encontra sua unidade em um alvo, a vítima, para a qual os impulsos violentos são direcionados.

Exposta toda a problemática, o crescimento do bullying, apesar de ser acompanhado de certa quantidade de intervenções, manteve-se crescente pelo fato das intervenções terem sido feitas a partir de uma atuação em esferas da segurança pública, em que fortaleceram-se punições repressivas e enfraqueceram-se estratégias de conscientização. Associado a esse quadro, as estratégias educativas são reduzidas e a contenção direta ganha espaço, reforçando no ambiente escolar padrões de interação agressiva. Nesse sentido, as intervenções com os espectadores têm se mostrado mais eficazes, tendo em vista que essas figuras podem ser empáticas e altruístas à causa. A questão aqui é promover o reconhecimento dos membros potencialmente espectadores anti-bullying e transformá-los em membros protetores à vítima e comprometidos com a harmonia escolar.

Smith et al. (2003) complementa que as intervenções contra o bullying devem reestruturar o ambiente escolar a fim de remover o reforço social dado aos agressores, introduzindo regras claras e firmes quanto ao fenômeno. Ainda segundo o autor, adultos e pares que não os agressores, devem ser ativos nesse processo, assumindo posturas firmes e assertivas contra o fenômeno, os já citados espectadores da violência. Ademais, o autor sugere que as intervenções incluam momentos em que os estudantes possam falar sobre o bullying e sobre outros comportamentos similares e participar de atividades que auxiliem no desenvolvimento de estratégias efetivas de enfrentamento. É pontuado que o resultado final pode estar ligado ao tanto de esforço que as escolas estão decididas a investir nas



intervenções e programas anti-bullying e os incentivos após as intervenções para manter a iniciativa viva (SMITH et al, 2003).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que o fenômeno do bullying está atravessado e inserido em questões coletivas e sociais marcadas pela violência, e engendrado ainda na lógica da psicologia das massas e da supremacia de traços narcisistas, compõe-se um cenário complexo e cristalizado em que se predominam relações hostis. Nesse sentido, urge a preocupação para o combate do bullying, que não pode ser dissociado de mudanças sociais dentro dos modelos atuais de família e escola, primeiros locais a socializar o sujeito que virá a ser um integrante da civilização.

Assim sendo, uma das intervenções possíveis pode ser realizada na tentativa de sensibilizar e capacitar os espectadores da violência. Dentro da esfera escolar, podem-se citar principalmente os pares e o corpo docente, entendendo que são figuras proeminentes na dinâmica do bullying escolar. Fora da escola, mas ainda assim associada a ela, os pais ou responsáveis também ocupam lugar relevante, visto que podem ser fonte de suporte e apoio às vítimas. É necessária, portanto, a ação conjunta desses diversos atores aliados no combate e prevenção ao bullying, ainda prestando apoio aos agressores, que como evidenciado, também apresentam condições emocionais desfavoráveis à boa convivência social. Dessa forma, as estratégias de intervenção compostas de ações diversas com agressores, vítimas e espectadores podem se mostrar favoravelmente mais afinadas a lógica complexa do bullying.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Características sócio-emocionais do superdotado: questões atuais. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 12, n. 2, p. 371-378, Aug. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000200018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 Março 2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200018>.
- ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre , v. 20, n. 1, p. 33-41, Apr. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822008000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19 Mai. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004>.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- COSSALTER, Monica. **O praticante de bullying à luz de Freud**. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 2, p.179-184, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/23180267-O-praticante-de-bullying-a-luz-de-freud.html>>. Acesso em: 26 maio 2019.
- CROCHIK, José Leon. **Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 12, n. 24, p. 211-229, ago. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2012000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 de maio de 2019.
- FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 309 p. Tradução de Paulo César de Souza. (Trabalho original publicado em 1914).
- FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. *In*: Totem e tabu e outros trabalhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)**. (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 281-288). Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1913).
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&pm. Editores, 2013. 172 p. Tradução de Renato Zwick. (Trabalho original publicado em 1921).
- FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1905).
- KOYANAGI, Ai, et al. **Bullying Victimization and Suicide Attempt Among Adolescents Aged 12–15 Years From 48 Countries**. Journal Of The American Academy Of Child & Adolescent Psychiatry, [s.l.], v. 58, n. 9, p.907-918, set. 2019. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaac.2018.10.018>.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Identificação. *In*: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MARANGONI, Vinícius Xavier. **A face perversa da convivência escolar: uma exploração psicanalítica do bullying**. 2018. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia) - Unesp Assis, [S. l.], 2018. Disponível em:

[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153102/marangoni\\_vxc\\_me\\_assis\\_int.pdf?sequence=4](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153102/marangoni_vxc_me_assis_int.pdf?sequence=4). Acesso em: 1 maio 2021.

MARTINS, Norma Vicença; ALMARIO, Alan. Bullying: uma perspectiva sobre o agressor. **Revista da Universidade Ibirapuera**, São Paulo, v. 4, p.17-21, jul. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://seer.unib.br/index.php/rev/article/view/30>>. Acesso em: 26 maio 2019.

SIMÕES, Mariane; SANTOS, Victória; GONÇALVES, Charlisson. Entre o bullying e narcisismo: uma relação possível. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, Garça, v. 28, n. 1, p. 30-37, maio 2017. Semestral. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/z9FcDFuBDViFlp4\\_2017-11-8-17-16-18.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/z9FcDFuBDViFlp4_2017-11-8-17-16-18.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2021.

SMITH, Peter K.; ANANIADOU, Katerina. The Nature of School Bullying and the Effectiveness of School-Based Interventions. **Journal of Applied Psychoanalytic Studies**, vol. 5, no 2, 2003, p. 189–209. Disponível em: <<https://doi.org/10.1023/A:1022991804210>>. Acesso em: 01 maio 2021.

ZUBERBIER, Torsten; ORLOW, Seth J.; PALLER, Amy S.; TAÏEB, Alain; ALLEN, Roger; HERNANZ-HERMOSA, José M.; OCAMPO-CANDIANI, Jorge; COX, Margaret; LANGERAAR, Joanne; SIMON, Jan C.. Patient perspectives on the management of atopic dermatitis. **Journal Of Allergy And Clinical Immunology**, [S.L.], v. 118, n. 1, p. 226-232, jul. 2006. Elsevier BV. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jaci.2006.02.031>>. Acesso em: 01 maio 2021.

TWEMLOW, Stuart W.; FONAGY, Peter; SACCO, Frank C. The role of the bystander in the social architecture of bullying and violence in schools and communities. **Annals of the New York Academy of Sciences**, 1036 215 - 232. 10.1196/annals.1330.014, 2004.